

Literatura negro afetiva na escrita de Sonia Rosa

Affective black literature in the writing of Sonia Rosa

Literatura negra afectiva en la escritura de Sonia Rosa

Cláudia Fernandes de Amorim de Oliveira¹

Márcia Cabral da Silva²

Resumo: Neste estudo busca-se examinar a literatura negra afetiva desenvolvida pela escritora Sonia Rosa em seus livros, de modo particular em *O Menino Nito* (1995). Por um lado, sublinham-se os aspectos sociais que possibilitaram a emergência e o reconhecimento de autores negros e de sua literatura. Por outro, identifica-se na escritora Sonia Rosa protagonismo representativo desse grupo social. Como aporte teórico metodológico, adotam-se os pressupostos relacionados à Sociologia da Leitura. Os principais resultados alcançados indicam a relevância da autora para a história da literatura infantil e juvenil.

Palavras-chave: Literatura negro afetiva; Sonia Rosa; O menino Nito.

Abstract: In this study, we aim at the exam of the affective black literature developed by the writer Sonia Rosa in her books, in particular in *O Menino Nito* (1995). On one side, social aspects are underlined, which derived of the emergency and the recognition of black authors and their literature. On the other side, we identify Sonia Rosa's representation and protagonism in relation to this social group. As a methodological theoretical contribution, assumptions related to the Reading Sociology are adopted. The main results achieved suggest the relevance of the author to the history of children's and youth literature.

Keywords: Affective black literature; Sonia Rosa; O menino Nito.

Resumen: En este estudio busca examinar la literatura negra afectiva desarrollada por la escritora Sonia Rosa en sus libros, en particular en *O Menino Nito*. Por un lado, los aspectos sociales que posibilitaron el surgimiento y el reconocimiento de los autores negros y su literatura están subrayados. Por outro lado, la autora Sonia Rosa es identificada como protagonista representativa de su grupo social. Como aporte teórico metodológico se adoptan supuestos afines a la Sociología de la Lectura. Los principales resultados alcanzados indican la relevancia del autora para la historia de la literatura infantil y juvenil.

Palabras clave: Literatura negra afectiva; Sonia Rosa; O menino Nito.

Introdução

A literatura afrodescendente e de protagonismo negro emerge no Brasil com maior ênfase a partir dos anos de 1930 e 1940. Ganha força durante os anos de 1960, com a presença destacada de escritores assumidamente negros ou de seus descendentes, cuja produção facultaria posicionamento engajado e vozes precursoras, conforme elucida Proença Filho (2004). Contudo, somente nos anos de 1970 e 1980, identifica-se abertura social em se marcar

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj.

nas obras as contribuições do negro para a sociedade brasileira. Houve, em especial, destaque desse viés no âmbito da literatura infantil e juvenil, como se pode observar na literatura negro afetiva de Sonia Rosa, iniciada em 1995, com seu livro inaugural *O Menino Nito*; os personagens negros ganham relevância assim como a cultura de matriz africana.

Ao longo da historiografia da literatura brasileira baseada nos manuais canônicos, a presença do negro se apresenta rarefeita, com poucos personagens, versos, cenas ou histórias referidas ao repertório nacional e presentes nas memórias dos leitores (DUARTE, 2014). Como também mencionado por Rosa (2022):

Cabe aqui ressaltar que o nascimento da literatura brasileira e, em seguida, da literatura infantil que a acompanhou, foi durante décadas a expressão em letras escritas, dos representantes da elite econômica dominante; logo, reforçava a ideia de que o negro não tinha valor. Naquele momento, o personagem negro era retratado como uma alegoria, como um objeto, e nunca como sujeito (ROSA, 2022, p.46).

Em razão dessa realidade da qual a expressiva população negra tentou se erguer no fim do século XIX e início do XX, muitos foram condenados à sorte e desassistidos pelos governantes no período pós-abolição e nas décadas seguintes na sociedade brasileira. Não havia reconhecimento de suas potencialidades e valores. O povo negro era tratado com hostilidade e eram impostas situações segregadoras, o que se identifica por severa desigualdade entre brancos e negros no convívio social e cultural. Nesses dois séculos, a personificação estereotipada dos personagens negros se dava, na literatura, como sujeitos algozes, preguiçosos, coisificados, submissos, vitimados e resignados, haja vista a sexualidade exacerbada e a animalidade representadas em alguns tipos de personagens de obras clássicas da literatura brasileira, sendo vistos bem mais como um tema do que como alguém com voz autoral.

A partir da emergente presença e do reconhecimento de escritores negros no âmbito do cânone tradicional, como Cruz e Souza, José do Patrocínio, Luiz Gama, Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto, Machado de Assis, Lino Guedes, entre outros, observa-se que, apesar da significativa representatividade afrodescendente, prevaleceria uma literatura negra estagnada no que diz respeito ao protagonismo e à identidade racial.

Ao final do século XX e início do XXI, no entanto, a partir do reconhecimento de autores como Carolina Maria de Jesus, Joel Rufino dos Santos, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Esmeralda Ribeiro, Sueli Carneiro, Otávio Júnior, e muitos outros dessa nova

geração, o cânone literário sofreu deslocamentos. Nesta direção, destaca-se a escritora Sonia Rosa, cuja produção, com recorte no livro *O Menino Nito*, é tema deste estudo.

Nessa perspectiva, Sonia Rosa constrói uma literatura alternativa e inovadora nomeada como negro afetiva. De um modo geral, caracteriza-se por retratos do cotidiano construídos na convivência com sua família – espaços onde cresceu; na sua ancestralidade afro – herança de sua família – e na sua formação pedagógica. Identifica-se, pois, escrita simples, nuances afetivas e obra endereçada para um público infantil de identidade negra, assim como para as crianças de todas as raças e etnias. Nas muitas tentativas de publicação de seu livro inaugural, a autora buscou constantemente aprofundar conteúdos étnico-raciais, inclusive ao destacar o termo letramento racial, advindo das formas de letramentos tradicionais, com viés político e antirracista, formalizado em escrita singular, com cerca de mais de sessenta livros escritos de literatura infantil e dois para o público em geral.

Sonia Rosa: trajetória intelectual singular

Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de Jesus, mais conhecida na literatura infantil brasileira como Sonia Rosa, é escritora do que denomina literatura negro afetiva desde 1995. Pedagoga por cerca de 30 anos, trabalhou na Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro (SME/RJ), com atuação na orientação educacional até se aposentar. Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ, com a defesa da dissertação intitulada: “A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras, uma narrativa autobiográfica”. Desde esse período, 2017 a 2019, seus estudos orientam-se, notadamente, para uma compreensão mais ampla das identidades negras e culturas correlatas. Pedagoga pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1988, especializou-se, em seguida, em Leitura, Teoria e Prática, pela PUC-Rio, no ano 2000. Sonia Rosa é escritora de literatura negro afetiva, orientadora educacional, professora, além de contadora de histórias. Nascida no Rio de Janeiro, na zona Sul, próximo ao planetário da Gávea, onde viveu até os 8 anos de idade, quando foi necessário se mudar para o subúrbio por motivos de exploração de empreendimentos imobiliários. Este acontecimento traumático afetou sua infância e sua trajetória escolar, incutindo-lhe sentimentos ambivalentes, como aqueles que dizem respeito à injustiça social e aos privilégios das classes sociais privilegiadas.

Não por acaso, escolheu uma profissão por meio da qual exerceria a reflexão crítica. Formou-se em magistério na Escola Estadual Carmela Dutra, no bairro de Madureira.

Escreveu mais de sessenta livros infantis, sendo todos de corte infantil. No tempo presente, desenvolve consultorias voltadas ao desenvolvimento das crianças em escolas públicas, com vistas ao respeito de suas identidades, assim como procura retratar particularidades da herança familiar junto ao grupo com o qual trabalha.

Chama a atenção, por outro lado, o desenvolvimento de projetos como profissional associada à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Destaca-se o projeto *Todo Dia é Dia de Histórias*, desenvolvido em sete escolas da rede Municipal de Educação, nos bairros: Deodoro, Vila Isabel, Madureira, Ramos, Bonsucesso, Jacarepaguá e Anchieta. E, em sete meses de projeto, foram contadas um sem-número de histórias nessas escolas, grande parte contadas pela autora. Como educadora e escritora, participou do *Projeto Literatura Viva* do SESI/SP, visitando várias cidades, totalizando 30 cidades em parceria. Entre elas destacam-se: Araçatuba, São José do Rio Preto, Santos, Cubatão, Birigui e Diadema, Campinas, Itu, Indaiatuba, Ribeirão Preto, Jardinópolis e Batatais. Em 2013, esteve em Americana, Santa Bárbara d'Oeste e Piracicaba. Visitou também Santo André, São Bernardo, São Caetano e Mauá.

Dentre outras atividades desenvolvidas pela escritora, destaca-se a participação no XIV Salão do Livro (organizado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil -FNLIJ), no Rio de Janeiro, onde foram lançados três de seus livros: *Vovó Benuta*³ (Editora Record), *Traços e Tramas*⁴ (Editora Rovellet) e *O Menino do olhar apertadinho que enxergava longe...*⁵ (Editora Autêntica). Participou também do XV Salão do Livro, da FNLIJ, com o lançamento de *O Piquenique da Monique*⁶ (Editora Memória Visual), participando do XVI Salão do Livro, da FNLIJ, de lançamento dos livros *Alice Vê*⁷ (Editora DCL) e *O Casaco*⁸ (Editora Rovellet). No ano de 2013, seus títulos *O Menino Nito*, *Tabuleiro da Baiana*⁹ e *Maracatu*¹⁰ foram selecionados pelo Programa Nacional de Biblioteca na Escola - PNBE. No mesmo ano de 2013, iniciou um trabalho com a Fundação Vale que a fez ter a possibilidade de visitar, como escritora e especialista de leitura voltada para a temática afro-brasileira, vários municípios de alguns estados: Rio de Janeiro, Maranhão, Minas Gerais, Sergipe, Mato Grosso do Sul e Pará, conversando sobre estratégias exequíveis de formação de leitor no âmbito da

³ ROSA, Sonia. **Vovó Benuta**. Rio de Janeiro: Galera, 2012.

⁴ ROSA, Sonia. **Traços e tramas**. Rio de Janeiro, Rovellet, 2012.

⁵ ROSA, Sonia. **O menino do olhar apertadinho que enxergava longe...** Rio de Janeiro: Autêntica infantil e juvenil, 2011.

⁶ ROSA, Sonia. **O piquenique da Monique**. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2013.

⁷ ROSA, Sonia. **Alice vê**, vol. I. Rio de Janeiro: Editora DCL, 2014.

⁸ ROSA, Sonia. **O casaco**. Rio de Janeiro: Rovellet, 2014.

⁹ ROSA, Sonia. **O tabuleiro da baiana**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2006.

¹⁰ ROSA, Sonia. **Maracatu**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

sala de aula com palestra direcionada ao primeiro, segundo e terceiro anos do Fundamental I da rede pública. A Fundação Vale apoiou o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa- PNAIC, um projeto do Governo Federal que incentivava a alfabetização até os oito anos de idade. Nesta ação, eram convidados autores de literatura infantil para ministrarem palestras para professores envolvidos, desenvolvendo-se também uma roda de conversa com os alunos, incluindo-se contação de histórias. Sonia Rosa foi a primeira escritora a fazer parte desse projeto gerido pela Fundação Vale.

Importa destacar, por outro lado, o protagonismo da autora em feiras literárias e eventos internacionais. Neste sentido, participou de algumas feiras literárias, como o 4º Salão do Livro de Guarulhos e da 21ª Felicitá - Feira do Livro da Cidade de Itaboraí, pela segunda vez consecutiva. No mesmo ano, esteve na Bologna Children's Book Fair, na Itália: destacada feira de literatura infantil que, neste ano, teve o Brasil como homenageado, quando ministrou uma palestra junto com o autor Daniel Munduruku sobre diversidades étnico-raciais. E, no período da feira, alguns de seus livros participaram de uma exposição sobre o Brasil no Centro Cultural Amílcar Cabral, também em Bolonha, na Itália em 2014.

Em 2016, continuou com a parceria com a Fundação Vale e efetuou visitas às escolas públicas em algumas cidades do Maranhão, Mato Grosso do Sul, Pará, Minas Gerais, Sergipe e costa verde do Rio de Janeiro, com destaque para a experiência vivenciada pela escritora nas seguintes cidades: Açailândia (MA), Itabira (MG) e Serra Pelada (PA), com participação, no ano de 2018, na Bienal de Alagoas, pelo Sesc, e, em 2019, com um convite da prefeitura para participação na Bienal do Maranhão.

Pelo fato de ser uma escritora compromissada com o protagonismo negro na literatura e na vida, recebeu um troféu da Prefeitura de Nilópolis, Mulher Negra de 2019. Foi também homenageada no ano de 2020 pela Prefeitura de Itaboraí e contemplada em 2018 pelas escolhas das professoras de escolas públicas do Brasil, Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), com alguns de seus títulos: *Jongo*¹¹, *Capoeira*¹², *Cadê Clarisse?*¹³ *Lá vai o Rui*¹⁴, *Como é Bonito o Pé do Igor*¹⁵, *O Menino Nito*, *Tabuleiro da Baiana e Maracatu*. Ademais, incluíram: *Alice Vê* e *Os tesouros de Monifa*¹⁶, com circulação por todo o território nacional.

¹¹ ROSA, Sonia. **Jongo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

¹² ROSA, Sonia. **Capoeira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

¹³ ROSA, Sonia. **Cadê Clarisse?** Rio de Janeiro: DCL, 2004.

¹⁴ ROSA, Sonia. **Lá vai o Rui...** Rio de Janeiro: DCL, 2004.

¹⁵ ROSA, Sonia. **Como é bonito o pé do Igor**. Rio de Janeiro: DCL, 2008.

¹⁶ ROSA, Sonia. **Os tesouros de Monifa**. Rio de Janeiro: Editora Brinque-Book, 2009.

Retomou a sua atuação como pedagoga nas escolas em 2019, com vistas a desenvolver um instigante trabalho educativo, exercendo consultoria em Letramento Racial. Um trabalho inovador que envolveu estudo rigoroso e aprimoramento sobre afrodescendência e suas implicações. Nota-se, portanto, a urgência do desenvolvimento do tema nos espaços das escolas, como decorrência da implementação da Lei 10.639/03¹⁷. Na visão da autora, é necessário que se compreenda o letramento racial como importante subsídio teórico e metodológico para o trabalho dos professores nas escolas, no campo público e no privado. Por ser um novo ofício na consultoria de letramento racial e com atribuições inéditas, percebeu a necessidade de aprender fazendo, na própria *práxis*, vivenciando uma parceria na escola com o diretor e subdiretor a partir desse trabalho inaugural. Destaca-se a intenção da autora subsidiar, academicamente ou organicamente, a criação dessa modalidade de profissional educador designado por ela “letrador racial”: um educador especialíssimo, com características e atribuições próprias que, a seu ver, ainda não existe, com esse nome e formato.

O letramento racial é um conceito novo, derivado da alfabetização e do letramento, inspirados pelos estudos de Magda Soares (2002, 2004). Significam saberes raciais que visam “educar e partilhar” saberes na perspectiva de construção de uma sociedade não racista. Com consciência e percepção sensível das manifestações de preconceito e de segregação que frequentemente são invisibilizadas no dia a dia, o letramento racial tem como objetivo promover uma pedagogia antirracista. Por isso, dialoga bem com o espaço da escola e é determinado por uma visão política.

Para além da importância dos estudos de Sonia Rosa no campo da educação, convém sublinhar os prêmios a ela outorgados. Na Abertura do estande *Paixão de Ler*, da Secretaria Municipal de Cultura, na XX Bienal Internacional do Livro, houve uma homenagem à escritora Sonia Rosa por sua literatura negro afetiva para crianças e jovens. A Cerimônia ocorreu em 03 de dezembro de 2021, seguida do painel *A Literatura Negro Afetiva de Sonia Rosa*, que reuniu Sonia, Iris Amâncio, Nando Cunha e Renato Nogueira, com a mediação da assessora especial de práticas antirracistas, Sinara Rúbia. A escritora foi contemplada com a homenagem de ter o seu nome atribuído a onze bibliotecas escolares. E, a partir de 2000, por seu trabalho em prol da leitura, foi homenageada com o seu nome atribuído à primeira sala de leitura na Escola Municipal Edmundo Lins, localizado no bairro de Ramos e, assim,

¹⁷ Lei Federal 10.639 de 2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da “história e cultura afro-brasileira” no âmbito das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Em 2023, completam-se vinte anos de sua promulgação após muitas lutas e reivindicações antirracistas. Apoiada no conteúdo da Lei, Sonia Rosa desenvolveu seus estudos vinculados à luta pela literatura afrodescendente endereçada às crianças, nomeando-a literatura negro afetiva, de caráter inovador no cenário nacional.

sucesivamente, na Escola Municipal José Pancetti (Realengo, 2002), Escola Municipal Marechal Trompowsky (Mangueira, 2007), Escola Municipal Mato Grosso (Irajá), Escola Municipal Ministro Adauto Lúcio Cardoso (Campo Grande), Escola Municipal Professor Souza da Silveira em Piedade (Nome da Sala de Professores), no Colégio Santa Teresa de Jesus (única privada), na Tijuca, e, ainda, a Sala de Leitura batizada como *O Menino Nito*, na Escola Municipal Miguel Gustavo, em Quintino, reinaugurada em 2008 como biblioteca escolar, além da cidade de Cabo Frio, na Escola Municipal Catharina da Silveira Cordeiro, e, por último, na Rocinha, inaugurada ano passado (2022), na Escola Municipal Paulo Horta. Também na Cidade de Deus, na Escola Municipal Avertano Rocha, mais recentemente. Recebeu, em 2004, a segunda menção *Altamente Recomendável* pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), dessa vez na categoria Informativo com a Coleção *Lembranças Africanas*. Ademais, alguns livros desta coleção *Jongo, Maracatu e Capoeira* e *O Menino Nito* participaram do programa Livros Animados do Canal Futura, na série “A Cor da Cultura”. Com seus mais de sessenta títulos, observa-se *O Menino Nito* (1995, republicado em 2008) como seu livro inaugural. Destacam-se ainda entre eles: *Enquanto o almoço não fica pronto...*¹⁸ (2020); *Os Tesouros de Monifa* (2009); *Palmas e Vaias*¹⁹ (2009); *O Tabuleiro da Baiana* (2009); *Zum Zum Zumbiiiii*²⁰ (2016); da *Coleção Lembranças Africanas - Jongo, Maracatu e Capoeira* (2004); *Feijoada*²¹ (2006); *Três Histórias de Encanto*²² (2019); *Lindara*²³ (2020); *Amores de Artista*²⁴ (2021); *Lá vai o Rui...* (2004); *Quando a Escrava Esperança escreveu uma carta*²⁵ (2012); *Cadê Clarisse?* (2004); *Aparício*²⁶ (2007); *Alice vê volume I* (2014); *Como é bonito o pé do Igor* (2008); *O Dragão do Mar*²⁷ (2020), além de outros, que foram solicitados para compor acervos de escolas no Brasil e no exterior.

Literatura de autoria negra brasileira e literatura negra afetiva na escrita de Sonia Rosa

A literatura de autoria negra no Brasil tem ganhado destaque no campo editorial, embora com projeção menor do que a literatura eurocêntrica. Segundo Oliveira e Rodrigues

¹⁸ ROSA, Sonia. **Enquanto o almoço não fica pronto...** Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2020.

¹⁹ ROSA, Sonia. **Palmas e vaias**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2011.

²⁰ ROSA, Sonia. **Zum zum zumbiiiii**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

²¹ ROSA, Sonia. **Feijoada**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

²² ROSA, Sonia. **Três histórias de encanto**. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 2019.

²³ ROSA, Sonia. **Lindara**. Rio de Janeiro: Nandyala, 2020.

²⁴ ROSA, Sonia. **Amores de artista**. Rio de Janeiro: Semente, 2021.

²⁵ ROSA, Sonia. **Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

²⁶ ROSA, Sonia. **Aparício**. Rio de Janeiro: DCL, 2007.

²⁷ ROSA, Sonia. **O dragão do mar**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

(2022), este fato decorre de estratégias segundo as quais escritores negros buscaram gerar ruídos que culminaram na modificação do campo literário e editorial, o que amplia a repercussão de obras não restritas ao discurso etnocêntrico.

Inserida nesse contexto, Sonia Rosa reinventa a literatura afro-brasileira infantil com a inclusão da afetividade na literatura de autoria negra, nos dias de hoje, dando margem a nos interrogarmos sobre as construções do campo literário brasileiro. Exclusão e inclusão de certos grupos sociais existem apoiadas em meios simbólicos e de poder. Trata-se de sistemas de distinções no campo literário, o que inclui a percepção da literatura negra, como demonstrado e discutido por Oliveira e Rodrigues (2022).

Sonia Rosa em seus livros e a partir da literatura inova as raízes afrodescendentes. Embasada no letramento racial e nos conhecimentos étnico-raciais, pôde descrever sua experiência sua vida pessoal, seu cotidiano familiar e sua profissão. A literatura negro afetiva é uma necessidade e exigência para novos tempos de educação literária no Brasil, com acolhimento das crianças em vivências de compartilhamentos e igualdade social e racial. Configura-se um novo tempo de prática social para a literatura brasileira, em meio a discussões antirracistas mundialmente desenvolvidas e, em especial, no Brasil.

Ao fortalecer a importância do negro na sociedade brasileira, Sonia Rosa traz a lume sua vivência pessoal, por conviver com muitos pobres, na favela, e com seus familiares negros: marcadores da representatividade negra e de identidade racial. O espaço social ao longo de sua infância foi um lugar de invisibilidade e de inexistência e a “porta dos fundos” esteve sempre presente no seu cotidiano. Sua mãe era doméstica, sua avó paterna também, assim como suas tias e madrinha mineira que ocupavam um lugar na casa dos patrões da porta da cozinha para fora e viviam na porta dos fundos, memória advinda da senzala, que nunca deixou de existir em sua infância. Sendo assim, a literatura negro afetiva por ela desenvolvida retrata uma maneira de buscar representatividade e resistência em meio a uma sociedade discriminatória e racista como a brasileira.

Atualmente se dedica aos trabalhos ligados ao Letramento Racial e à Literatura, especialmente à literatura negro afetiva para crianças e jovens, conceito que a autora criou para nomear a sua própria literatura: narrativa que, segundo ela, consiste em dizer que nos seus livros os leitores brasileiros vão encontrar muito amor e muita representatividade negra e protagonismo. Sua trajetória de escritora para o público infantil teve início no ano de 1995; é voltada para a temática afro-brasileira, como se observa no livro *O Menino Nito*, o que a incentivou a estudar com intensidade ao longo da vida, para compor personagens verossímeis.

Necessário entender com profundidade as questões negras e raciais que pulsam em nossa sociedade e estão marcadas em seus livros.

Mas, afinal, além da trajetória de vida, o que motivou Sonia Rosa a despertar e se inspirar na literatura negro afetiva no marco do ano de 1995? Desde o primeiro dia de aula como professora, na primeira escola, usou a estratégia de contar histórias aos seus alunos e, dessa maneira, formava leitores compartilhando histórias por uma via amorosa, processo ancorado em seu ideal de vida. Essas experiências, trocas e possibilidades no partilhar com seus alunos lhe abriram janelas para a compreensão do mundo. A escritora pauta-se, como método de trabalho, na intimidade com o texto literário, provocando o pensar e o refletir sobre a vida e sobre o cotidiano racial dos seus leitores. Há prazer partilhado tanto para quem conta como para quem escuta a história. Segundo a escritora, essa ação diária a levou a desejar ser escritora e se voltar para sua própria cor e raça. Na visão da autora, a cultura popular e a temática negra na literatura emergem do povo. Por ela ter convivido e crescido nessa cultura alimentada por todos, houve a possibilidade de realizar na escrita um recorte da matriz africana. Sonia Rosa buscou a visibilidade de seus ascendentes na literatura: um misto de amorosidade e resistência. A partir de personagens representados de maneira simbólica e cultural em histórias de muita afetividade e construção de valores antirracistas, a escritora demonstra consolidar posição de reconhecimento na literatura infantil na atualidade e, em especial, em relação à literatura negra, denominada por ela literatura negro afetiva.

O menino Nito na literatura negro afetiva de Sonia Rosa

O livro *O Menino Nito* desponta na literatura negro afetiva de Sonia Rosa como obra literária inovadora e precursora de uma leitura voltada para a afetividade, para as desconstruções de gênero e deslocamento racial, em razão de abranger todos os personagens negros, incluindo, o médico da história. Ele foi escrito antes da década de 1990, precisamente em 1988, por Sonia Rosa, e ficou silenciosamente guardado e arquivado até que a autora tivesse a oportunidade de conseguir a publicação como uma história infantil com personagens todos negros, incluindo questões raciais e temas afeitos à masculinidade. Obteve muita resistência e quase desistiu da publicação. No entanto, em 1995, o livro é publicado pela Editora Pallas, facultando a emergência da autora no cenário literário nacional.

O Menino Nito já alcança 28 anos desde sua primeira edição. Na realidade, é uma obra madura, com repercussão e edições em outros países, como Galícia, assim como seus outros

livros publicados na Itália, México, Canadá e EUA, promovendo reflexões sobre questões relacionadas ao protagonismo negro e questões de étnico-raciais.

O livro narra a história de um menino que era de uma beleza encantadora ao nascer, surpreendendo a todos. Então, deram-lhe o nome Bonito. Com o passar do tempo, ficou conhecido como Nito. Apesar de ser muito bonito, tinha um defeito: chorar muito.

Certo dia, seu pai conversou com o menino e lhe disse que deveria segurar o choro porque homem não chora. Então, Nito resolveu que, a partir daquele dia, não choraria mais, nem pelo maior machucado; guardava mais de trinta choros por dia. O menino foi ficando cada vez mais pesado por segurar seu choro. Chegou, inclusive, em um estágio que não aguentava andar mais, tornando-se gravemente doente. Seus pais, desesperados, decidiram chamar um médico, para saber o que estava acontecendo com Nito. O médico da família perguntou o que Nito sentia e o que lhe havia acontecido. Nito disse que estava pesado de tanto engolir o choro. O médico, por sua vez, encontrou uma solução para o problema: que chorasse tudo o que estava preso. O menino chorou “baldes e mais baldes” de lágrimas ao longo dos dias. Com o passar do tempo, seu pai percebeu a gravidade do que havia feito e dito para Nito. Tratava-se de uma grave violência simbólica, de natureza emocional. Afinal, todos podem chorar, inclusive os homens. Dali para frente, Nito percebeu que poderia chorar à vontade.

O Menino Nito é um livro voltado para o público infantil, composto por frases e palavras simples, de fácil entendimento. Há muitas ilustrações bem realizadas, que não se restringem à descrição do texto verbal. Em síntese, uma história instigante para ser lida e apreciada. Em 2002, o livro foi republicado. Atualmente, encontra-se na quarta edição pela Editora Pallas.

Considerações finais

Como se pôde acompanhar, a escritora Sonia Rosa alcançou reconhecimento em relação ao protagonismo negro na literatura brasileira e, em especial, na literatura infantil. No entanto, a projeção da autora não deve ser compreendida de forma isolada, acompanha deslocamentos no cânone literário, notadamente a partir os anos de 1960, com a presença destacada de escritores negros ou de seus descendentes, cuja produção traz para o primeiro plano posicionamento engajado e vozes precursoras. Sobretudo nos anos de 1970 e 1980, evidenciou-se a literatura de extração afro-brasileira no país. Nesse cenário, destaca-se, em

particular, a literatura infantil, como se procurou demonstrar a partir da na literatura negro afetiva de Sonia Rosa.

A trajetória intelectual da autora é marcada, por um lado, por sua origem e experiência de vida – de origem humilde e com fortes traços da cultura africana. Por outro, sua opção profissional pela docência marcaria suas escolhas pela contação de histórias, escritura, ensino e aprendizagem. Como se procurou sublinhar ao longo do artigo, a historiografia da literatura infantil, as instituições de legitimação, como feiras, prêmios, homenagens, já reconhecem a obra literária de Sonia Rosa como representativa de seu grupo social, classe e etnia.

Com seu livro inaugural, *O Menino Nito* (1995), os personagens negros ganham relevância, a cultura de matriz africana se evidencia e o tema da afetividade torna-se, por assim dizer, a estrutura seminal da história.

Referências

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

DUARTE, Eduardo de Assis. Faces do negro na literatura brasileira. *In: BELMIRO, Celia Abicalil et al. (org.). Onde está a literatura? Seus espaços, seus leitores, seus textos, suas leituras.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014

OLIVEIRA, Luiz Henrique; RODRIGUES, Fabiane Cristine. **Trajetórias editoriais da literatura de autoria negra brasileira: poesia, conto, romance e não-ficção.** Rio de Janeiro: Malê, 2022.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, jan. /abr. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/mJqCRgkgYfJzbnmfBJVHR9x>> Acesso em: 20 mai 2023.

ROSA, Sonia. **Literatura infantil afrocentrada e letramento racial: uma narrativa autobiográfica.** São Paulo: Jandaíra, 2022.

ROSA, Sonia. **O menino Nito.** Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2002.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 1-13, jan./abr. 2004.

Sobre as autoras

Cláudia Fernandes de Amorim de Oliveira: Graduada em Odontologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1992); Pós-graduada em Odontologia do Trabalho pela Associação Brasileira de Odontologia - RJ - Regional Duque de Caxias (2011); Graduada em Pedagogia pela Universidade do

Estado do Rio de Janeiro (em andamento).
E-mail: claudia.oli_18@yahoo.com.br

Márcia Cabral da Silva: Professora Titular na Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e pesquisadora Procientista (UERJ/FAPERJ). Doutora em Teoria e História Literária pelo Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP). Coordena o Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL/CNPQ) - Grupeeluerj.wordpress.com.
E-mail: marciacs.uerj@gmail.com

Recebido em: 18 jul. 2023
Aprovado em: 12 dez. 2023